

o Libertário

LUTAMOS CONTRA
TÓDAS AS FORMAS DE
TIRANIA, DE EXPLORAÇÃO
E DE OBSCURANTISMO — E EM PROL DE
LIBERDADE E BEM-ESTAR
PARA TODOS.

Contra a Guerra! Pela Confraternização Universal dos Povos!

NENHUM HOMEM, NENHUM RECURSO PARA A GUERRA!

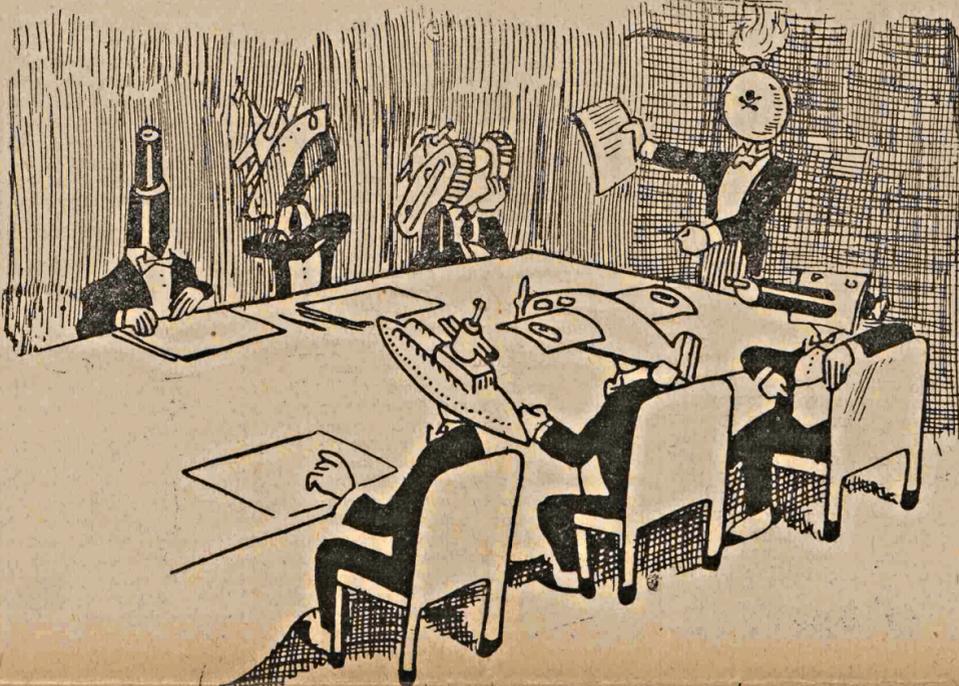
A guerra é o mal dos males. Sendo o produto da corrupção de todos os bons sentimentos dos homens, é causadora de toda sorte de degradações, de misérias, infelicidades, de desgraças, de calamidades; não tendo nenhuma justificativa natural, é inhumana e anti-social; estrangulando os pendores solidaristas dos homens, transforma em glória o crime de morte quando praticado em massa; sem nada produzir, tudo destrói, causando o empobrecimento geral; exaltando todas as mais vis paixões avilta o homem, arrastando-o à prática de todas as deformações morais e físicas. O mercantilismo, o suborno e a venalidade, a miséria e a prostituição, a desordem e a peste formam o seu trágico seqüito.

Essa é a história, triste, sangrenta e dolorosa das guerras de todos os tempos. E as duas últimas conflagrações quinta-essenciaram tudo o quanto de ruim possa ser encontrado nos negros meandros das guerras anteriores. Envolvendo, direta ou indiretamente, toda a humanidade, tudo, mas absolutamente tudo foi mobilizado e posto ao serviço da destruição. Todos os aperfeiçoamentos da técnica, das artes e da ciência, conseguidos pelos ingentes esforços de todas as gerações e que deveriam servir para proporcionar bem-estar à humanidade, foram empregados, com requintes de cuidados, para provocar friamente, calculadamente, horríveis hecatombes e destruições inconcebíveis.

A capacidade produtiva do homem foi elevada a um grau de desenvolvimento até hoje desconhecido para conseguir uma produção em massa jamais verificada e isto, não para atender às grandes necessidades da comunidade humana, mas, justamente para o contrário, para agravá-las, para espalhar a miséria e a dor por toda a parte. As riquezas consumidas e destruídas na última guerra bastariam para proporcionar a abundância a milhões de criaturas atiradas à miséria.

Tais sempre foram e continuarão a ser as seqüências da guerra.

Mas, se nenhum bem resulta da guerra e somente males produz, porque, então, não é evitada? Porque a guerra é um fenômeno imane da sociedade burguesa e somente desaparecerá quando cessar o domínio do capitalismo, cujo regime tem suas bases, em seus aspectos moral, político



Assim representam a tragicomédia das conferencias da Paz os dominadores do mundo — que provocam as guerras.

e econômico, no princípio de autoridade, sintetizado no Estado.

A propriedade particular determina a concorrência, que gera ambições e rivalidades comerciais de caráter internacional, animando as manobras imperialistas nas disputas de mercados para o escoamento de mercadorias. E dessa luta de interesses econômicos do capitalismo resulta a guerra.

Naturalmente, não é sob esse odioso aspecto que a origem das guerras aparece ao julgamento do povo. O capitalismo é hábil e matreiro e dispõe de todos os elementos materiais e intelectuais para mistificar a opinião pública. O patriotismo é o instrumento com que agitam as paixões guerreiras. A religião e as prevenções raciais também fornecem à burguesia pretextos para agitações que possibilitam as guerras.

O apego à terra de nascença é transformado em nacionalismo exacerbado, ferindo-se, para isso, os sentimentos populares com a exploração de pretextos emocionais geralmente forjados para esse fim.

A guerra é, portanto, um crime de lesa-humanidade e, como tal, não pode

deixar de ser condenada por todas as pessoas de sentimentos normais.

O movimento anarquista sempre a repudiou, sempre a condenou e combateu. Pode-se mesmo afirmar que o movimento pacifista tem tido nos anarquistas os seus mais sinceros, dedicados e ativos militantes, fornecendo, talvez, o maior contingente de vítimas de perseguições em consequência das agitações realizadas nesse sentido.

A história do movimento libertário brasileiro está cheia de iniciativas de caráter pacifista, de manifestações contra a guerra, de lutas contra o domínio do militarismo.

Provam isso as coleções dos jornais anarquistas, em cujas páginas, além da literatura e ilustrações desse caráter, é encontrado o noticiário do que se fez contra as guerras de anos passados. Ficaram memoráveis as agitações pacifistas, de repercussão nacional, promovidas pela Confederação Operária Brasileira, orientada pelos libertários, em fins de 1908 e repetida no primeiro semestre de 1915, bem como a campanha contra o sorteio militar, levada a efeito em todo o país, também pela C. O. B., em 1915, e que deu motivo à publicação do jornal libertário antimilitarista "Não matarás!"

Ainda por iniciativa dos anarquistas, realizou-se em 1916, no Rio de Janeiro, um congresso pacifista, com a participação de representantes de outros países, tendo, ainda, os libertários brasileiros participado da promoção de um congresso contra a guerra, em Ferrol, Espanha, sucumbindo, em Portugal, em consequência de brutalidades policiais, um dos dois representantes que daqui para lá, então, seguiram, a fim de participarem dessa

A religião é o processo de subjugar o povo, fazendo-o crer num ser onipotente, invisível, dono do Universo, castigador dos maus, premiador dos bons.

OSÉ OITICICA.

"O LIBERTÁRIO" não circulou em Novembro. Motivou esta anomalia a paralização das tipografias em consequência da greve dos gráficos. Este número corresponde, pois, a Novembro e Dezembro.

CONTRA A GUERRA, A GREVE GERAL PELA PAZ

mentos que a provocam: o Estado, com sua autoridade dominadora; as fronteiras artificiais que separam e inimizam os povos, o militarismo profissional que alimenta o espírito guerreiro, para justificar a sua função, o capitalismo, com o salariado escravizador e a concorrência que origina as disputas; o dinheiro com suas ambições e crimes; finalmente, o regime da exploração do homem pelo homem, que será substituído pela anarquia, sistema baseado na igualdade social e que se desenvolverá por meio do livre-acôrdo e do apoio mútuo.

EDGARD LEUENROTH

EDITORA MUNDO LIVRE

A Editora Mundo Livre é uma cooperativa fundada pelo movimento libertário do Brasil, que se propõe, entre outras tarefas, divulgar as obras básicas do anarquismo, preenchendo, assim, uma lacuna verificada no campo editorial do Brasil, onde escasseiam as obras de autores libertários.

Essa Editora foi organizada em bases de cooperativismo sem lucros, na qual cada associado completa uma ou mais quotas de Cr\$ 15.000,00. Todo o Capital reunido é invertido em novas publicações.

Até a presente data já foram lançados duas excelentes obras: "O Retrato da Ditadura Portuguesa", de Edgard Rodrigues, e o livro esgotado em primeira edição do Professor José Oiticica — "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos".

Como terceira programação da Editora Mundo Livre teremos o trabalho de Edgard Leuenroth — "Anarquismo — Roteiro de Libertação Social".

A Editora está fazendo a distribuição de seus livros pelas livrarias do Brasil, numa eficaz difusão das doutrinas libertárias.

Os interessados em participar, como associados, dessa interessante iniciativa, queiram escrever para Esther Redes — Caixa Postal, 1 (Agência da Lapa) — Rio de Janeiro — Guanabara. Todas as informações serão prestadas por carta.

CAPITALISMO: Nem Privado Nem Estatal

No fundo dos diversos planos que os estadistas, os economistas e os técnicos pover os graves problemas econômicos e sociais que afligem o mundo, há sempre, invariavelmente, esta idéia predominante: ou decidir-se pelo capitalismo de Estado, ou optar pelo capitalismo privado. Há, sem dúvida, muitas variantes, inclusive uma que constitui a mescla de ambos os sistemas. Mas o dilema não oferece nenhuma variante na sua base fundamental.

Nós, os anarquistas, afirmamos que o dilema é falso e que essa preocupação em apresentá-lo obedece a interesses inconfessáveis do capitalismo e do Estado. Isso nos coloca na alternativa de escolher entre duas formas de exploração do homem e dos sistemas de privilégio antissocial. A única diferença está nos grupos e nas classes favorecidas em cada caso. Para os que ocupam as camadas inferiores da pirâmide social,

a realidade é a mesma. Continuarão sendo explorados os escravos e pagarão, além disso, as consequências das disputas que se produzem entre os diversos grupos de exploradores.

A humanidade não necessita mais experiências desse gênero. A solução dos problemas do mundo deve procurar-se no caminho da cooperação internacional na igualdade social, no trabalho dignificado e livre. E nada disso poderá realizar-se através de nenhum dos sistemas político-sociais vigentes na atualidade, mas na mudança fundamental das relações humanas, com a supressão do funesto privilégio de classes. Só em um sistema autenticamente socialista, onde a liberdade do homem e a autonomia dos grupos estejam plenamente assegurados, poderão eliminar-se os males sociais que hoje afligem a humanidade — e esse socialismo é o socialismo libertário ou anarquista.

Tendencias libertarias de Ignacio Silone

Sob todos os aspectos bastante interessantes as declarações que o escritor italiano Inácio Silone, autor de "Fontamara", "Pão e Vinho", "Semente sob a Neve", "Escola de Diadores" etc., prestou ao "Jornal do Brasil", na edição de 28 de setembro p.p..

Inquerido sobre o problema de Cuba, assim se expressou:

1) acolheu com simpatia a revolução, pela queda de Batista e pelas perspectivas de revolução social implícitas na ascensão de Fidel Castro; 2) à medida que Castro se firmou no poder, revelou-se um ditador — o que exclui a possibilidade de um socialismo autêntico, pois não pode haver socialismo sem liberdade; 3) posteriormente, com a cristalização do regime, o camponês cubano verá que nada mais houve senão a substituição de um patrão por outro — o patrão particular pelo estatal; 4) Cuba entrará, então, num processo de decadência da estrutura agrária, que, sem cooperativas e sindicatos livres de camponeses, não terá elasticidade

para acompanhar a dinâmica da produção.

Outras afirmações de Silone:

1 — Acredita que a propriedade privada, como instrumento de servidão econômica, é um obstáculo ao desenvolvimento do homem.

2 — Não crê em nenhum determinismo histórico: a história, segundo ele, se procede através de condicionamentos sócio-econômicos e culturais; o fenômeno da participação da consciência humana é muito importante para o processo histórico: por meio dele, o homem poderá encontrar o caminho da libertação.

Acrescentamos que Silone, tendo sido militante ativo do Partido Comunista Italiano, abandonou o partido e o movimento bolchevista. Diz-se socialista sem partido algum e cristão sem igreja, mantendo relações cordiais com os meios anarquistas da Itália. Seus pensamentos, como o dessa entrevista, correspondem ao pensamento libertário.



Foi para varrer as imundícies da sociedade burguesa e estabelecer o socialismo libertário, que o povo russo fez a revolução — e não para substituir a tirania czarista pela ditadura de um capitalismo de Estado — onipotente e atrofador.

Porque os bolchevistas tomaram o poder

O movimento anarquista teve atuação destacada na revolução russa, desde o período das agitações populares e dos gestos individuais de rebeldia contra a tirania secularmente imperante, como no momento cuja efeméride agora se relembra — em que se operou a derrocada do império dos tzares — para a implantação do regime baseado no princípio do bem estar e liberdade para todos.

Essa participação dos anarquistas no movimento revolucionário russo está historicamente provada, não apenas internamente, na Rússia, como por todo o mundo; na denúncia da tirania czarista, na propagação das idéias de liberdade, em agitações e conferências, como também na ajuda econômica em favor das vítimas de perseguições e para os meios de propagação e de agitação.

O movimento libertário do Brasil assim procedeu — desde as primeiras manifestações de sua atividade, como se prova pela sua imprensa e pelo noticiário da imprensa diária da época.

Sobre a atuação dos anarquistas na revolução russa, há farta documentação no noticiário libertário internacional, bem como em livros, destacando-se dentre eles o que tem o título de "Uma Revolução Desconhecida", de Voline, que teve ação atuante na Revolução Russa.

São dele os trechos de um seu trabalho esclarecendo porque não se conseguiu estruturar a organização da sociedade russa sob bases libertárias, estabelecendo-se, ao contrário, o Estado ditatorial dos bolchevistas.

Devidos de demonstrar que os bolchevistas não tinham um programa de organização socialista para es-

tabelecer, desenvolvendo toda a sua ação com o propósito de conquistar o poder, adaptando-se a todas as situações, por meio de toda a sorte de estratégias e servindo-se também de proclamações de medidas práticas dos anarquistas, diz o seguinte:

"Os anarquistas, como tais, não podiam, bem entendido, ter igual atitude. Eles não podiam sinão afirmar o contrário (e isso era, sem dúvida, mais concreto). Com efeito, não se trata, para eles, de auxiliar um partido a conquistar o poder; é preciso que as próprias massas laboriosas, com suas organizações operárias, as suas federações rurais, as suas cooperativas, etc, se unam e tomem a terra, as fábricas e as oficinas, etc., para reeditar a vida econômica e social sobre novas bases.

Entre as causas imediatas, verdadeiramente PRINCIPAIS, da não realização da idéia anarquista na revolução de 1917, uma das primeiras, que eu quero sublinhar fortemente aqui, era a ausência, na Rússia, até à Revolução, de uma vasta rede de organizações trabalhadoras, sólidas, firmes, tendo um passado histórico, e tendo percorrido um certo caminho de evolução, de experiência e de uma luta de idéias.

Refiro-me não somente às organizações estreitamente profissionais, especialmente sindicalistas, ou industriais, mas a umas e outras, numa palavra — a quaisquer organizações de classe dos operários e dos camponeses, com caráter profissional produtivo e de consumo.

Não tendo as suas organizações de classe prontas para agir, estavam, fatalmente sem socorro, em face do bolchevismo, apoderando-se avidamente e violentamente deste campo de ação.

Na Comemoração da Revolução Russa

Como anarquistas, não poderíamos deixar de sentir-nos ligados, pela nossa simpatia e solidariedade, ao movimento revolucionário russo, soberbo esforço dos revolucionários sociais, com participação ativa dos anarquistas e que conseguiu derrubar o domínio do capitalismo em sua forma político-econômica mais tirânica, objetivando o estabelecimento de uma organização social consentânea com as aspirações de suprema justiça da coletividade humana, constituindo esse movimento um surto grandioso na marcha da revolução social em todo o mundo.

Entretanto, os bolchevistas, aproveitando-se de circunstâncias especiais, servindo-se de manobras e estratégias políticas, favorecidos pela ausência de uma forte organização operária revolucionária, estabeleceram a ditadura de seu partido, que ainda hoje domina soberanamente a nação.

Apoiado nessa ditadura partidária, denominada do proletariado, mantém o bolchevismo o seu Estado totalitário, com uma engrenagem administrativa e política centralista, impondo autoritariamente as suas ordens à coletividade e impedindo, pela força, com o emprego de toda sorte de violências, o desenvolvimento das tendências federalistas libertárias da revolução, atrofiando o esforço dos indivíduos, dos grupos e de corporações proletárias tendente a aproveitar a posse dos bens sociais e a consciência despertada do povo para encaminhar a ação renovadora do período revolucionário no sentido do comunismo federalista libertário.

A revolução russa iniciou-se como uma esperança, uma promessa de completa libertação social, mas a política de Estado deturpou o seu espírito socialista, opôs-se aos ímpetus renovadores da revolução, manifestados, principalmente, pelos marinheiros de Kronstad e pelos camponeses macnovistas da Ucrânia, perseguidos pelos bolchevistas. E, ao cabo de poucos anos, aquele grande país deixou de ser um símbolo de libertação para converter-se em um regime de burocratas.

Hoje é uma potência imperialista junto a outras potências imperialistas que se encaminha para a guerra como todos os outros Estados, que tem tão pouco a ver com o socialismo e com as idéias do proletariado como qualquer outro Estado.

Era um desenlace previsto que pode estranhar a outros, mas não aos anarquistas, que assinalaram esse abismo em sua crítica permanente, objetiva e orientadora.

Os acontecimentos, entretanto, que ultimamente se vêm verificando, não somente na Rússia, como também nos países até onde chegaram os tentáculos do imperialismo bolchevista, demonstram que já se vão abrindo brechas nas muralhas da tirania atrofadora da revolução.

Não obstante o poder absoluto do Estado levado até a hipertrofia, impondo um capitalismo monolítico e uma autoridade compressiva sem limites, apesar dos expurgos que tem vitimado milhões de criaturas, sacri-

ficadas em nome da ditadura do proletariado, mesmo com toda a sorte de violências, a dinâmica libertária já se tem feito sentir em movimentos de alta significação.

A primeira manifestação ostensiva de reivindicação popular contra a tirania bolchevista, partiu da Alemanha Oriental, seguida do movimento proletário da Polônia e, depois, da grande convulsão do povo húngaro, esmagada pelos carros de assalto e pelos canhões dos exércitos dos tiranos da Rússia.

Esses os movimentos de grande vulto e de repercussão mundial, mas numerosos fatos demonstram que o anseio de libertação vive potencial-

mente em todos os setores de atividade dos povos submetidos ao domínio da minoria privilegiada que se encontra de posse do Estado-polvo bolchevista.

Entre intelectuais e estudantes, nos meios proletários e profissionais, por toda a parte, enfim, certificaram-se manifestações de descontentamento, que se transformam em movimentos de reivindicações, que os dominantes da burocracia bolchevista vão procurando tangenciar com paliativos ou esmagando-os violentamente por meio de expurgos aplicados sob a alegação oáiosa de medidas de repressão contra inimigos do regime....

Mas a dinâmica da rebeldia libertária irá tomando vulto, ganhando terreno, alimentando energias ativas para o impulso decisivo no sentido de reaver o ímpeto revolucionário e tornar possível um movimento de libertação que objetive o estabelecimento do verdadeiro regime socialista, baseado no comunismo libertário legítimo objetivo da revolução de 1917, agora comemorada.

Carta Histórica de Kropotkine

Conforme está demonstrado em outros trabalhos desta página, os anarquistas do Brasil sempre estiveram ao lado dos que combatiam contra a tirania do império dos tzares, defendendo aqui a sua causa e esforçando-se para enviar-lhe recursos em favor da luta e das suas vítimas.

Em 1906, o jornal libertário "a Terra Livre", que tinha como diretor Neno Vasco e administrador Edgar Leuenröth, promoveu uma subscrição em favor dos revolucionários russos, provocando a remessa de uma importância a seguinte carta de Pedro Kropotkine, a grande figura do movimento libertador da Rússia.

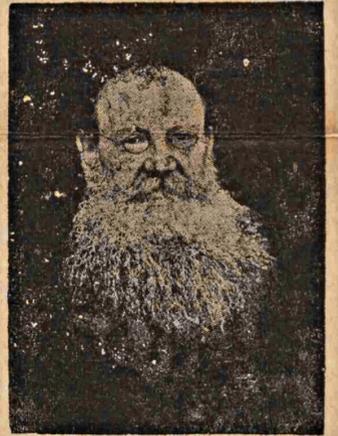
Nesse importante documento histórico evidencia-se a alta ética que caracteriza a conduta libertária; entre lutadores não há distinção para sua solidariedade. A importância recebida (embora modesta) bastou para ser dividida entre socialistas e anarquistas.

"Caro camarada, agradeço-te bem fraternalmente — a ti e aos camaradas de S. Paulo — o envio de dinheiro (4 libras esterlinas) para os revolucionários russos.

Divido esta soma em duas partes iguais entre os socialistas e os anarquistas.

Não, queridos camaradas e amigos, a vossa subscrição não chega tarde demais. A revolução na Rússia não se fará num dia. Ela exigirá dois, três anos para se realizar, como a Revolução Francesa e a Inglesa (de 1648). Neste momento, sofremos um instante de reação terrível. Mata-se, fere-se, viola-se... Os horrores praticados nas

provincias bálticas, no caminho de ferro Moscou-Kazan, pela Guarda Imperial, sobre os caponenses que se revoltam, e enfim sobre as moças que, cansadas de ver esses horrores atiraram sobre o chefe de polícia de Minsk e sobre o vice-governador em Tambof, — esses horrores excedem tudo quanto se poderia conceber. É necessário remontar à IDADE MÉDIA para imaginar o que essas duas jovens he-



Pedro Kropotkine

roínas, A. Ismaïlovitch, em Minsk, e Maria Spiridonoff, em Tamboff, sofreram.

E, no entanto, são as contorsões do animal que morre. Por toda a parte penetra o espírito de revolução. Por toda a parte há um sópro novo.

A imprensa TOMA as liberdades, e, apesar das perseguições, diz tudo. A nossa literatura anarquista aumenta e circula. E, como sempre em revolução, acham-se lado a lado os contrastes mais frisantes, de terror branco e de liberdade tomada.

— Sabeis sem dúvida da greve imensa das minas que começou nos Estados Unidos, e da grande greve dos mineiros do Norte, em França.

A Europa ocidental agita-se também, e uma grande greve se prepara em França para o primeiro de maio. Que fazéis vós, camaradas, nesta direção? Se estalar uma greve geral num só país da Europa, haverá imensas greves por toda a parte.

Vosso, caros camaradas, e da Revolução Social.

Muito fraternalmente,

PEDRO KROPOTKINE

Que bonito nome, "a Terra Livre", que tomastes para o vosso jornal!"

FESTA DA PRIMAVERA

Conforme noticiamos em nosso número passado, teve lugar no domingo, 23 de outubro, a Festa da Primavera, que não pôde, devido ao mau tempo, realizar-se com a plenitude desejada em 23 de setembro.

Embora o tempo ainda não fosse favorável, o encontro festivo reuniu numerosas famílias, avultando o número de crianças, com o comparecimento das alunas de uma escola, que lá conjuntamente com as demais, divertiam-se a valer.

As Comunas Libertárias da Ucrânia

Pedro Archinoff, que participou da Revolução Russa de 1917 e teve saliente atividade no movimento macnovista da Ucrânia, em seu livro "Historia do Movimento Macnovista", registra uma demonstração da vida sem Estado quando se refere à organização dos camponeses ucranianos na região de Gulai-Polê. Nêle descreve a atividade construtiva do movimento que tornou a personalidade de Nestor Mackno (militante anarquista) uma figura lendária da história das revoluções populares.

Devemos salientar que, paralelamente à obra cosstrutiva, se desenvolvia a ação de defesa da revolução russa, constituindo o movimento macnovista da Ucrânia um exemplo de estratégia que assombrou o mundo pelos rasgos de audácia e capacidade combativa demonstrados pelos camponeses organizados anarquicamente em comunas livres.

Transcrevemos do livro de Archinoff apenas alguns trechos que se relacionam com o assunto de vida social à margem do Estado.

"Quanto ao povo trabalhador, é precisamente a partir do dia em que se torna completa e realmente livre que começa a viver e a desenvolver-se de maneira mais intensa. Os camponeses de Gulai-Polê, na Ucrânia, o demonstraram de uma forma admirável. Durante seis meses — desde novembro de 1918 a julho de 1919 — viveram sem nenhum poder político e não só não perderam os laços sociais entre si,

mas, pelo contrário, criaram uma nova forma superior de ordem social: a comuna do trabalho livre e os soviets dos trabalhadores.



Nestor Mackno

A terra da região libertada passou para os camponeses. Estes compreenderam que não se havia feito tudo; que não bastava apoderar-se de uma

extensão de terra e contentar-se com isso. Os inimigos os cercavam por toda a parte e os obrigavam a manter-se unidos. Dada a repulsa dos camponeses às organizações bolchevistas governamentais, em muitos lugares da região surgiram organizações chamadas comunas de trabalho ou comunas livres. Assim, próximo à aldeia de Pokrovskoye, se organizou a primeira comuna livre com o nome de Rosa Luxemburgo. Esta comuna foi criada pelos camponeses mais pobres da região e sua denominação de Rosa Luxemburgo testemunha a ausência de todo espírito de partido entre os organizadores. Com uma simplicidade e uma grandeza de atitudes próprias do povo livre, os camponeses honraram a memória de uma heroína da revolução, desconhecida por eles, como lutadora que fora e que havia perecido na Alemanha como mártir da luta revolucionária socialista. A comuna estava fundamentada no princípio anti-autoritário. As autoridades bolchevistas tentaram imiscuir-se na sua vida interna, mas não foram admitidos. Ela se chamou claramente comuna livre, comuna do trabalho livre de todo e qualquer poder.

A sete quilômetros de Gulai-Polê, em um antigo feudo, se fundou outra, que reuniu os camponeses pobres da região. A vinte quilômetros desta comuna, surgiram outras. E logo a seguir, outras em vários lugares.

As comunas não eram criadas em consequência de uma aventura ou fan-

tasia, mas exclusivamente em consequência das necessidades vitais dos camponeses que nada possuíam antes da revolução e que, depois de haver esta saído vitoriosa, se puseram a organizar sua vida econômica em bases comunais. Não eram as comunas artificiais dos bolchevistas, onde se reuniam habitualmente elementos agrupados ao acaso, sujeitas ao Estado e, por conseguinte, vivendo do sacrifício do povo, ao qual tinham a pretensão de ensinar a trabalhar. Não, eram verdadeiras comunas de camponeses, habituados, desde sua infância, ao trabalho e que sabiam apreciá-lo nos resultados para si mesmos e para os demais. Portanto, os camponeses trabalhavam nelas para assegurar-se o pão cotidiano. Cada qual nelas encontrava o apoio moral e material de que necessitavam. Os princípios de fraternidade e de igualdade eram profundamente mantidos. Todos — homens, mulheres e rapazes — deviam trabalhar na medida de suas forças. As funções de coordenação eram confiadas a um ou dois elementos, que, depois de se haverem desempenhado delas, voltavam ao trabalho habitual, ao lado dos outros membros da comuna. Este germe de comunismo livre, de início não podia corresponder a todas as exigências da atividade criadora — econômica e social — dos camponeses. O ambiente político exigia dos camponeses esforços imediatos

(Conclui na 3.ª pág.)

Na Comemoração da Revolução Russa

Os Bolchevistas e a Revolução Russa

OSWALDO SALGUEIRO

III

Continuando a reler o livro de Angel Pestanha, que há muitos anos estava encostado em uma de minhas estantes, julguei por bem prosseguir, nesta série de pequenos artigos, no comentário de suas páginas, com a tradução de alguns dos trechos que me parecem mais interessantes e oportunos.

"No Clube Anarquista (estabelecido na Teverskaia) — diz-nos Pestanha, a certa altura do capítulo VI — em uma das minhas visitas organizou-se uma espécie de conferência que eu expliquei em francês e Askarof traduziu para o russo. Conversando com os companheiros do Clube, percebi que alguns deles estavam um tanto inclinados a aceitar o centralismo e a ditadura do proletariado.

Gordin, que era a cabeça mais visível, o mais culto, denominava-se "Universalista", e fazia pouco tempo que tinha saído da cadeia de Butirki, onde passou três meses pelo crime de haver sido eleito para o Soviet de Moscou pelos trabalhadores da fábrica em que trabalhava.

O caso de Gordin é curioso, em vista de como entendem a liberdade os bolchevistas e do que significa o regime dos Soviets nas suas mãos.

Operário de uma fábrica de munições, ao verificar-se a eleição dos delegados para o Soviet do bairro ao qual pertencia a fábrica, apesar de que os comunistas sempre fizessem uma lista exclusiva para delegados de Soviet, não admitindo a supressão de nenhum de seus candidatos, os operários da fábrica em que trabalhava Gordin suprimiram um comunista e colocaram aquele.

Quando ao fazer-se o escrutínio na fábrica, verificou-se que em vez de um comunista havia sido eleito Gordin, anulou-se a eleição dele, conservando-se, porém, a dos comunistas que na mesma lista tinham sido eleitos. Fez-se nova eleição e Gordin tornou a ganhar e com maior quantidade de votos. Nova anulação, e assim, sucessivamente, por diversas vezes. Então, os bolchevistas, respeitosos, como são, para com a vontade dos trabalhadores e a ditadura do proletariado (?) anularam definitivamente a eleição, meteram Gordin na cadeia e deliberaram deixar a fábrica sem representante no Soviet do bairro.

Devemos confirmar aqui o que alguém, escrevendo acerca da Rússia, disse: todas as eleições que se fazem para os Soviets é com a presença e sob o rigoroso controle da Tcheka e isso

não permite a menor independência e respeito para com a vontade dos eleitores".

Isso, que Angel Pestanha nos narra, não aconteceu em São Paulo, no interior de São Paulo, quando se faziam eleições no tempo de Washington Luís; isso aconteceu na Rússia soviética, no tempo de Lenine. O que veio depois, com Stalin, nem queira saber, caro leitor, si é que ainda não sabe.

Por fim, e para resumir o que Pestanha continua nos dizendo, os companheiros de Gordin pediram-lhe que, caso houvesse nova eleição, como de fato houve, voluntariamente renunciasse a ela, pois que não queriam ser seus carcereiros. E assim, o candidato comunista pôde ser eleito.

Casos como o de Gordin, davam-se muitos por toda a Rússia. Aliás, os anarquistas eram ali rigorosamente vigiados e perseguidos. Entretanto, isto é, nessa altura, aqui, no Brasil, os inocentes úteis queixavam-se, ridícula e amargamente dos anarquistas, dizendo não compreenderem porque estes maldiziam o que eles entendiam por revolução russa. E em tais circunstâncias, nunca podíamos saber bem onde terminava a inocência boba, para dar lugar ao jesuitismo. Com o decorrer do tempo, este mestre que sempre acaba por pôr as coisas nos devidos lugares, tudo se desanuviou definitivamente e certos elementos duvidosos tiveram que deixar cair as máscaras. E, por incrível que pareça, foi precisamente um destes que posteriormente inventou a celebríssima linha justa.

A propósito de salários diz-nos Pestanha:

"Desejando completar, tanto quanto possível, as informações que precisávamos, procuramos saber primeiro quais



Este deveria ser o símbolo de uma sociedade livre com base no trabalho, para proporcionar o bem-estar a todos os produtores — mas que passou a ser o emblema de um capitalismo de Estado ditatorial, dominado por um partido onipotente.

eram os salários dos trabalhadores, em que forma os recebiam e quem os fixava.

A lista de categorias dos salários estabelecida, abrangia trinta e seis, e mais quatro extraordinárias, aplicáveis apenas a quem o Comitê da Confederação Geral do Trabalho, o Comissariado do Trabalho e o Conselho de Economia Nacional julgarem pertinentes. E assim como nas trinta e seis categorias de salários estava limitada a quantia do que se havia de pagar, tanto em rublos como no racionamento, o que, de forma alguma, se podia exceder, as quatro extraordinárias não tinham limites, podendo atribuir a Comissão encarregada de outorgá-la, o salário e o racionamento que julgara oportuno.

O ponto de partida para outorgar uma destas quatro tarifas extraordinárias era uma das trinta e seis estabelecidas; o limite, porém, como já dissemos, não estava fixado. Deixava-se ao arbítrio da Comissão.

Deste sistema resulta um dos enganos mais propagados em todo o mundo no princípio da revolução russa e que nos apresentou os personagens mais conspícuos da mesma com uma aureola de austeridade e de sacrifício que estava muito longe de ser verdadeira.

Disseram-nos que Lenine, Trotsky, Radek e outros personagens dirigentes do Partido Comunista, dando provas do seu amor ao povo e de sacrifício pela revolução, submetiam-se a todas as privações a que a falta de produtos obrigava e que, considerando-se proletários, obrigaram-se a receber um salário como os outros e um racionamento de trabalhadores intelectuais. Em teoria, assim era; a prática, porém, era muito outra.

Propositamente venho transcrevendo estes longos trechos das páginas do livro de Angel Pestanha, com o fim de demonstrar quão diferente é a moral dos anarquistas confrontada com a dos comunistas. Esses comunistas, muitos dos quais, por não saber, ou não quererem saber a quantas andam, ainda hoje se julgam nossos primos. Nem mesmo por afinidade...

ADMINISTRAÇÃO DE "O LIBERTÁRIO"

| CONTRIBUIÇÕES E DIVERSOS | |
|---|-----------|
| Rodrigues, 200; Das Neves, 500; R. Fernandes, 500; Josefo, 400; Beatriz, 100; Navarro, 100; Rojo, 500; M. Mastro, 500; Celeste, 150; Hans, 200; Gonçalves, 20; Gimenes, 30; Ruete, 300; L. Pereira, 250; Garcia Perna, 500; Ávila, 200; Petrucci, 100; Avulso, 10; Panzarini, 1.000; Cecílio, 1.000; Nagib, 1.000; Demétrio, 100; Fontana, 100; Tesoro, 100; Vidal, 150; Rocha Barros, 2.000; Eurico, 2.000; Pedro, 1.000; Cecílio, 1.000; Gumerindo, 1.000; Martin, 300; Maria Valverde, 200; Rodrigues, 200; Nunes, 140; Navarro, 200; Penteado, 100; De livros, 100. | |
| Total das contribuições | 16.250,00 |
| Saldo anterior | 37.905,00 |
| | 54.155,00 |

| DESPESAS: | |
|------------------------|-----------|
| Impressão do N.º 12 | 23.000,00 |
| Impressão do N.º 13 | 23.000,00 |
| Sêlos para a expedição | 2.000,00 |
| | 48.000,00 |
| CONFRONTO: | |
| Entradas | 54.155,00 |
| Saídas | 48.000,00 |
| | 6.155,00 |

DIVULGAÇÃO DO ESPERANTO

Prosegue na sede do Centro de Cultura Social de São Paulo, à rua Rubino de Oliveira, 85, o Curso de Esperanto a cargo da proficiência do sr. Moyses Garcia Filho.

No próximo número, publicaremos uma resenha detalhada dessa iniciativa, redigida em esperanto, como exemplo prático do que poderia ser feito em toda a Rússia.

A Religião da Violência

II

Muito mais inquietante ainda do que a prática mesma de violência é a crença que se tem nela. Esta crença transformou-se atualmente num culto consciente, numa autêntica religião nova. Em geral, aqueles que a isso se opõem, citando as palavras fanfarrônicas de Mussolini: — "O punhal entre os dentes, a bomba nas mãos e dentro do coração soberano desdém pelo perigo!" — ou outra citação qualquer cheia de heroísmo teatral, estilo wagneriano, do livro "Minha Luta" de Adolf Hitler, — se consolam com Einstein, dizendo que nas democracias ocidentais não se vai tão longe na violenciolatria. E, entretanto, diante de certos pontos de vista, as chamadas democracias são mais avançadas neste aspecto: — seu nacionalismo e seu militarismo não comportam maiores insensibilidades!... Para a mentalidade mediana ocidental, os exércitos nacionais que, depois da grande Revolução Francesa, têm agarrado cada vez mais as massas populares dos Estados modernos, desde há muito tempo para cá são considerados como normais. O princípio de guerra total é néles aceito, mesmo por socialistas democráticos e bolchevistas. Nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Bélgica, na Holanda, a violência da guerra, a mais refinada, é tão facilmente permitida que parece fazer parte integrante dos atos rotineiros da nação, todos também obrigatórios como acabamento dos ritos do cristianismo oficial. Duas religiões se injuriam; todavia, a violenciolatria tende a suplantar definitivamente a crença de Cristo. Diante desses ensinamentos, o general inglês, Fuller, pôde-se vangloriar de que os soldados britânicos os levam mais a sério do que os demais do continente, pelo fato de já terem assimilado as táticas da guerra científica, como "um novo evangelho". No jornal da burguesia holandesa, intitulado "Nieuwe Rotterdamse Courant", sempre fiel à sua moderação e ao seu nível intelectual e moral, um perito em assuntos militares exalta "esta nova e atraente fé" (violenciolatria), que nos dá forças para "transportar montanhas" (1). E apesar da lei neerlandesa do lesa-divindade, esse jornal não foi perseguido!...

Na França, o jornal "Paris Soir" cita com entusiasmo a declaração de Mussolini: — "Cada homem deve guardar sua parte de barbarie. É preciso ser duro." No "Eco de Paris", M. de Kérisis declara exaltado, após o internamento da Alemanha, o seguinte:

"Bravo! Mussolini! Tu és grande! Armaste 700.000 homens. Mobilizaste-os moral e materialmente. Enfim, tu és sábio, pois só crês na virtude das baionetas. Prepara-te para a defesa da paz a tiros de canhão." Declara "Le Journal", que, glorificando o militarismo, "o Duce não fez senão exaltar um ideal que é comum a todas as nações do mundo." E desde há muito tempo até agora, M. Paul-Boncour prega a guerra total, como símbolo da... democracia total.

Por ocasião do décimo-sétimo aniversário da revolução russa, Karl Radek glorificou, no "Izvestia", de 7 de novembro de 1934, a doutrina de Maquiavel que, segundo ele, está de pleno acordo com a do comunista Maximovskii. Referindo-se ao autor de "O PRÍNCIPE", escreve:

"Nosso proletariado, cercado de inimigos, tem ainda muito que aprén-

der do maquiavelismo e saber em que medida é preciso combinar a política da violência com a da astúcia e lerá com prazer esse gênero de idéias, que se aplicam à sua "pátria socialista"; quando se trata de salvar a pátria, não é conveniente pensar no que é justo ou injusto, misericordioso ou cruel, bom ou mau." (2)

E o jornal acrescenta sem nenhuma crítica: "É desnecessário assinalar a importância bélica do foguete estratosférico para um país de tão vasta extensão territorial como é a Rússia."

Não há, pois, nenhuma diferença essencial entre tais convicções em voga nos "países democráticos ocidentais", bem como na "Rússia bolchevista" e a queletra do famoso professor alemão Ewald Banse que declara ser métodos e objetivos da ciência moderna, a ciência guerreira, "criar e estabelecer bases de CRENÇA INQUEBRANTÁVEL, no alto valor moral e na utilidade profunda da guerra... É preciso que todos compreendam nada ter a guerra de extraordinário, nem de criminoso e não ser ela pecado contra a humanidade... O Estado vive de sua população guerreira e morre, se depender de sua população pacífica... As hostilidades podem começar mesmo sem declaração de guerra, com a destruição imediata, por via aérea, da capital e dos principais centros industriais do país inimigo." (3)

1 — "Nieuwe Rotterdamse Courant", 3 de agosto de 1933. Cita o Evangelho de Mateus, capítulo XII, versículo 20; — "Se tiveres a fé do tamanho de um grão de mostarda, poderás transportar montanhas."

2 — Veja Karl Radek, Machiavel et Rousseau, "Lu", de 16 de novembro de 1934.

3 — Citado por Degugis, "Le Destin des Races Blanches", págs. 7 e 8.

4 — Em "Le Travail", de Genève, datado de 24 de abril de 1935, publicação sempre simpática ao governo de Moscou, menciona-se que, na Rússia, imenso foguete atômico está em construção num laboratório secreto, devendo atingir velocidade superior ao do avião mais rápido e penetrar na estratosfera, numa altitude à qual não chegam os balões espaciais.

B. DE LIPGTH

"SOCIALISMO E REVOLUÇÃO ESPANHOLA"

Sob este importante tema, o companheiro Manuel Peres proferiu, no Centro de Estudos Prof. José Oiticica, do Rio de Janeiro, uma interessante palestra, em comemoração da Revolução Espanhola. O conferencista fez um relato das origens do evento espanhol, caracterizando as tendências que se manifestaram por ocasião daquele movimento, detendo-se nas realizações positivas dos elementos libertários que nela tomaram parte.

Encerrando a palestra, houve a participação dos assistentes com perguntas sobre política internacional, que obrigou o conferencista a marcar nova palestra, tão empolgante se tornou o tema por ele tratado.

Nossa Estante

| | |
|---|-------------|
| "MEDO À LIBERDADE" — Erich Fromm | Cr\$ 500,00 |
| "CONQUISTA DO PAO" — Pedro Kropotkin | Cr\$ 180,00 |
| "LA REVOLUCION" — Gustav Landauer | Cr\$ 380,00 |
| "REQUIEM POR UN CAMPESINO" — Ramon Sender | Cr\$ 350,00 |
| "NIKI O LA HISTORIA DE UN PERRO" — Tibor Dery | Cr\$ 350,00 |
| "A FOME EM PORTUGAL" — Edgard Rodrigues | Cr\$ 380,00 |
| "O RETRATO DA DITADURA PORTUGUESA" — Edgard Rodrigues | Cr\$ 350,00 |
| "DELEGACIA A UM CONGRESSO SINDICAL" — Alexandre Vieira | Cr\$ 200,00 |
| "EN MEDIO DE LOS ENCOMBROS" — Conrado Liscano | Cr\$ 200,00 |
| "UNA TRACION DE STALIN" — J. Garcia Pradas | Cr\$ 100,00 |
| "SOLUCION ANARQUISTA PARA A QUESTAO SOCIAL" — E. Malatesta | Cr\$ 50,00 |
| "LAS INGENUAS" — Conrado Rodrigues | Cr\$ 50,00 |
| "PASIONES CAMPERAS" — Conrado Rodrigues | Cr\$ 50,00 |
| "MI PRIMER PLEITO" — Conrado Rodrigues | Cr\$ 50,00 |
| "PASION Y FUERTE DE LOS ESPAÑOLES EN FRANCIA" — Federica Montseny | Cr\$ 50,00 |
| "NAUFRAGOS" — Adriano Valle | Cr\$ 50,00 |
| "LA VOLUNTAD DEL PODER" — Rodolpho Rocker | Cr\$ 50,00 |
| "EL TERROR BOLCHEVIQUE NA BULGARIA" — F. O. R. A. | Cr\$ 50,00 |
| "O TEATRO RUSSO" — Conferência de José Oiticica | Cr\$ 200,00 |

Aparecerá brevemente, em nova edição da Editora "NOVO MUNDO", o livro de José Oiticica "A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS".

Remetemos pelo correio, pedidos, acompanhados de valores, para Editora "Mundo Livre" — Caixa Postal, 1 — (Agência da Lapa) — Rio de Janeiro.

AS COMUNAS LIBERTARIAS DA UCRANIA

(Continuação da 2ª página)

de maior alcance, de mais amplitude. Era indispensável chegar a uma organização coordenadora, não só nos limites de distritos, mas compreendendo as províncias que constituíam a região libertada. Era necessário achar em comum soluções para diferentes problemas envolvendo a nação inteira. Era preciso, pois, criar os órgãos correspondentes. Com efeito, os camponeses não tardaram em criá-los. Estes órgãos foram os Congressos Regionais dos Camponeses, Operários e Guerrilheiros.

No primeiro Congresso Regional, que teve lugar a 23 de janeiro de 1919, na povoação de Garn-Mikailovka, os camponeses dirigiram sua atenção, sobretudo, para o grande perigo oferecido pelos movimentos dos generais tzaristas Petlura e Denikine.

Os petlurianos estavam em vias de organizar seu Estado no país. Servindo-se da palavra de ordem enganosa de defesa nacional, haviam declarado uma mobilização geral, que implicava numa nova forma de escravidão do povo revolucionário. Os camponeses de todo o litoral do Azof decidiram combater enérgicamente esse perigo. Formaram vários destacamentos e comissões e enviaram-nas à região ocupada pelos diretores de Petlura, para explicar às grandes massas a mentira do novo poder "democrático", incitá-las à desobediência e a boicotar a mobilização até derrubar esse poder.

O Segundo Congresso Regional dos Camponeses reuniu-se três semanas depois, a 12 de fevereiro de 1919, em Gulai-Pole. Foi examinada nesse Congresso a questão do perigo denikiniano iminente para a região. O exército de Denikine compunha-se de elementos contra-revolucionários bem escolhidos: oficiais dos quadros do antigo exército regular e cossacos do Império. Os camponeses se deram perfeitamente conta da maneira como ia decidirse a colisão entre esse exército e eles. Tomaram, pois, todas as medidas para reforçar suas defesas. O exército insurreccional dos macknovistas contava nessa época com 20.000 combatentes voluntários. Muitos deles estavam cansados, esgotados pela fadiga, havendo tomado parte durante 5 ou 6 meses em combates incessantes. Mas as tropas de Denikine ameaçavam a região com imenso perigo. Em consequência, o Segundo Congresso dos Camponeses resolveu

declarar para toda a região uma mobilização voluntária e igualitária. A mobilização deveria ser "voluntária" — quer dizer, apelava para a consciência e boa vontade de cada um.

Depois da criação de um Conselho Regional, a atividade social da região tornou-se mais intensiva. Em todas as cidades e aldeias foi promovido e examinado um grande número de problemas comuns a toda a região, entre eles o problema do abastecimento do exército de guerrilheiros.

Vemos, pois, que as vastas massas de camponeses e uma parte dos operários, ao libertar-se do regime do hetman (chefe cossaco) e de outras autoridades, empreenderam a obra imensa da reconstrução de uma nova forma de vida de modo objetivo e prático. Vemos também que, estando rodeados, em todos os lados, por forças hostis, as massas trabalhadoras tomavam medidas positivas e justas para a defesa da região, que um movimento libertário havia livrado da tirania.

A insurreição revolucionária foi uma tentativa das massas populares para realizar as aspirações não satisfeitas pela revolução bolchevista. A insurreição era a continuidade orgânica do movimento das massas trabalhadoras e camponeses de outubro de 1917. Era movida pelas mesmas intenções e estava cheia de um profundo sentimento de fraternidade para os trabalhadores do país e de todas as nacionalidades, intenções essas frustradas pelo regime de ditadura dos bolchevistas que passara a dominar a Rússia.

Essa organização de convivência socialista criada na Ucrânia, como participação positiva do movimento libertário na Revolução Russa de 1917, foi destruída pelas forças da ditadura bolchevista que dominavam a Rússia em consequência da vitória revolucionária.

Depois dos guerrilheiros orientados pelo anarquista Mackno terem vencido os exércitos austro-alemães e dos russos brancos que ameaçavam a revolução, os bolchevistas estabeleceram um acordo com os macknovistas, mediante o qual aquela organização seria respeitada.

Isso, porém, foi um recurso para ganhar tempo, e depois, traçoicamente, invadirem a região, massacraram os trabalhadores e destruíram a organização das comunas livres por eles criadas na Ucrânia, como um exemplo prático do que poderia ser feito em toda a Rússia.

MOVIMENTO OPERÁRIO

O Salário Mínimo e as Lutas Proletárias

O salário mínimo foi instituído no Brasil em 1936, época em que muitos outros países já o haviam adotado, inclusive a América.

Ele está definido na consolidação das Leis do Trabalho como sendo "A CONTRAPRESTAÇÃO MÍNIMA DEVIDA E PAGA DIRETAMENTE PELO EMPREGADOR A TODO TRABALHADOR, INCLUSIVE O RURAL, SEM DISTINÇÃO DE SEXO, POR DIA NORMAL DE SERVIÇO E CAPAZ DE SATISFAZER EM DETERMINADA ÉPOCA E REGIÃO DO PAÍS, AS SUAS NECESSIDADES NORMAIS DE ALIMENTAÇÃO, HABITAÇÃO, VESTUÁRIO, HIGIENE E TRANSPORTE".

Por esta simples definição, podem os operários aquilatar a tremenda burla que representa. Inicialmente, o salário mínimo não é extensível ao trabalhador rural. O camponês brasileiro, que morrendo de sol a sol, mal ganha o escasso alimento para se sustentar nas pernas, explorado até a medula no trabalho do campo sem possibilidade atual de melhoras de situação.

Outra afirmativa da lei é que o salário mínimo "DEVE SER CAPAZ DE SATISFAZER AS NECESSIDADES NORMAIS DE ALIMENTAÇÃO, HABITAÇÃO, VESTUÁRIO, HIGIENE E TRANSPORTE". O salário mínimo da Guanabara, o mais elevado do país, é Cr\$ 13.440,00. Inútil se torna perguntar se um operário, que constitui família, em geral com dois ou mais filhos, pode viver com semelhante paga, com o atendimento de suas necessidades básicas. Viveria um Brizola, um Lacerda, um Prestes, um Jânio, um Adhemar etc. com semelhante salário? Não, mil vezes não! Perguntamos, então, porque há de viver o produtor, o operário sobrecarregado de família numerosa?

A variação do salário mínimo tem sido periódica e para a Guanabara observou a seguinte progressão:

| | | | | |
|----------|------|---|------|-----------|
| Junho | 1943 | — | Cr\$ | 300,00 |
| Dezembro | 1943 | — | Cr\$ | 380,00 |
| Janeiro | 1953 | — | Cr\$ | 1.200,00 |
| Julho | 1954 | — | Cr\$ | 2.400,00 |
| Agosto | 1956 | — | Cr\$ | 3.800,00 |
| Janeiro | 1959 | — | Cr\$ | 6.000,00 |
| Outubro | 1960 | — | Cr\$ | 9.600,00 |
| Outubro | 1961 | — | Cr\$ | 13.000,00 |

Essa variação dá bem a idéia da inflação que corroe, antes de tudo, o proletário. Agora, volta-se a falar em revisão do salário mínimo, é justa, justíssima essa revisão, pois o processo inflacionário está atingindo os picos do Himalaia; porém, essa revisão será inútil se os trabalhadores não se competrem da necessidade, concomitante de se conseguir congelar os preços de todos os gêneros de primeira necessidade, a começar pelo feijão, o arroz, a carne o leite, o pão, o açúcar etc. Congelamento também para os aluguéis, vestuário e transporte. Naturalmente deverão ser igualmente taxados os preços de Whisky, das jóias, roupas de luxo importadas, assim como perfumes estrangeiros, porquanto não são gêneros de primeira necessidade e o proletário não o utiliza. Só dessa forma poderemos acreditar nos benefícios do novo salário mínimo e não em outra demagógica manobra com evidente efeito político.

O famoso comando de greve, que tão disposto esteve em lutar pelo plebiscito, assunto que o proletariado desconhece em bloco e pelo qual não quer mover palha, porque não se movimentar para as reivindicações verdadeiras e humanas da classe proletária?

Entretanto, em rigorosa análise, somente da ação direta do proletariado depende a melhoria de sua situação.

MARTINS SANTOS

Recordando José Oiticica

Por motivo do transcurso do quinto aniversário do falecimento do professor José Oiticica, que ocorreu a 30 de junho de 1957, foi-lhe prestada significativa homenagem, no Rio de Janeiro, no Centro de Estudos, do qual é patrono.

Inicialmente, foi reproduzida a gravação da homenagem que lhe prestou o programa Honra ao Mérito, da Rádio Nacional, constando da radiofoniação de episódios de sua modelar e movimentada existência, seguida do agradecimento do próprio homenageado, no final da gravação.

A seguir, tomou a palavra o dr. Newton Ferreira Josetti, que, de improviso e visivelmente emocionado, disse que também ele fora aluno do professor José Oiticica, no Colégio D. Pedro II. Foi nessa ocasião, que teve de enfrentar o mestre num temível exame oral, saindo-se airoso. Concluiu por ressaltar o significado da homenagem e a figura do homenageado.

José Rodrigues Leite e Oiticica nasceu em Oliveira, Minas Gerais, aos 23 de junho de 1882. Foi sucessivamente aluno do Colégio Luiz Gonzaga, do qual foi excluído por se rebelar contra os "bolos" de um pabre, do Colégio Paula Freitas.



Faculdade de Recife, Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e Faculdade de Medicina. Fez, ao todo, seis concursos, mas, apesar de sempre tirar a primeira colocação, foi sempre preterido, por motivos políticos, com exceção do último, em que conquistou a cadeira de português do Colégio Pedro II.

Participou ativamente do movimento anarquista do Brasil, tendo sido redator do periódico "Spar-

tacus", "Voz do Povo", "Ação Direta". Colaborou nos periódicos libertários "A Plebe" e "A Lanterna", de São Paulo. Foi um dos fundadores e conferencista ativo da Liga Anti-Clerical do Rio de Janeiro.

Oiticica conhecia música, história, filosofia, filologia, e matemática. Ensinava latin, grego, alemão, francês, português, inglês, esperanto, espanhol, italiano russo. Foi crítico literário do "Correio da Manhã" e crítico musical do "Diário Carioca". Deixou vasta obra ainda inedita, e publicado — "O Anarquismo ao Alcance de Todos".

MÉDO

Desde pequenino, desde a mais tenra idade, o medo nos persegue, determinando todos os atos de nossa vida. Quando crianças, talvez por ouvir conversas de fantasmos e o "bicho papão", temos medo do escuro. Na escola estudamos porque temos medo de ganhar zero, somos comportados para não ficar de castigo.

Mais tarde também, tudo o que fazemos ou deixamos de fazer é sempre imposto pelo medo das consequências, ou do que dirão, ou pensarão os outros de nós.

Esse medo que nos persegue a vida inteira, que nos impede de viver plenamente, esse temor constante de alguma coisa, é bem expiador por todas as religiões: "não faça isso, porque Deus castiga". Os religiosos não amam a Deus, temem a Deus.

Há religiões que dizem: "não proceda mal, porque o mal virá em dobro para quem o cometer", ou então: "aqui se faz, aqui se paga".

Não ensinam a proceder corretamente porque isso deva ser lógico, humano, certo, mas pelo temor do castigo que entidades terríveis infligirão aos miseráveis e assustados habitantes deste planeta.

E depois da morte? Ai é que a coisa é de arrepiar. Como as religiões se aproveitam do medo ao desconhecido, do que virá depois da morte.

São as chamas do inferno, o penar das almas sem descanso, o voltar a este vale de lágrimas para sofrer mais e mais em sucessivas reencarnações. De quantas coisas mais se valem as religiões para ensinar costumes amedrontando, aterrorizando e acabrunhando.

E assim, desde a infância até a velhice, vive o ser humano acorrentado aos grilhões do medo, ao temor do que virá, sem conseguir viver a vida que deseja, que gostaria de viver: com o coração aberto às grandes alegrias, e a mente transbordando em sonhos de felicidade e otimismo.

ANGELINA

Vida Tormentosa do Trabalhador Rural

FÁBIO LUZ FILHO

Ao resfolegar da locomotiva a vencer, celere, distâncias, passavam e repassavam, os meus olhos desparzidos até ao horizonte longínquo, perspectivas variegadas, ora luminosas e rodolcantes, ora sombrias a desenrolar-se em descampados imensos, dando-nos a visão aproximada dos pampas infinitos. De quando em quando, em meio da esterilidade dominante e triste, uma fazendola punha na tristura morna e imensa uma nota de atividade melancólica, Subiam e desciam morros milharais e canaviais enfezados.

O combóio, cortando o silêncio dos descampados e das planuras com silvos agudos e longos, continuava a correr rápido e refolegante.

Casas miseráveis, baiucas nauticantes colmadas de sapé, batidas à argila, ostentavam sua miséria tristemente simbólica aos olhos curiosos do urbanista refasto. Homens macilentos e mulheres ventruadas olhavam indiferentes o combóio que corria. A baiuca miserável e triste, as culturas mesquinhas do derredor, diziam com eloquência da vida desta gente. Sua condição é contristante. Escravizados aos senhores de vastos latifúndios, cujo absentismo regalado os atrai a uma degradação incoercível, a figura dessa pobre gente, seus costumes, suas crenças, são a expressão de uma profunda miséria orgânica e de um estado psíquico vizinho ao cretinismo. Solapados de endemias, trabalhados pela ignorância e pela miséria, arrastam uma existência de réprobos, de párias lamentáveis, sem uma réstia de luz nas trevas da inteligência, sem um conforto, na sua imensa degradação, escravos prenes.

Horas após, beirando o mar, visões luminosas empolgam-me o espírito. Desenrola-se aos meus olhos o mar imenso e tranquilo, estendendo sua mobil imensidão verde até o perfil azulado de montanhas distantes. Lembraram-me, então, as palavras de Silvio Romero na introdução ao "Compendio de História da Literatura Brasileira": "Todas as zonas desta parte da América oferecem ao observador encantos e belezas em elevado grau. Costas, matas, montanhas, planaltos, chapadas, campos, tabuleiros, rios, lagos, — tudo traz a marca desta imensa oficina de pitoresco... Afastando-se aqui e ali em mór ou menor distância da orla da praia, os cerros chegam em múltiplos sítios a vir entestar com as ondas, e banhar-se: o mar penetra por vários furos, muitos deles cercados de montanhas a pique, que lembrariam os "fjords" da Noruega, se a radiação do sol, a transparência do céu, a brancura do ar não repelissem a comparação — alguns desses sacos e reintrancias, nomea-

damente em Mangaratiba, Angra dos Reis... pela multidão de ilhas, intercadências de portas, transparência das águas, alvura das praias, aprumo magestoso das montanhas, fulgurações do céu, podem ser contadas entre as regiões mais deliciosamente belas existentes na terra".

Efetivamente, a vida nestas regiões deve transcorrer tranquila, serena, sem tropeços, se ritmada pelo trabalho fecundo. Entretanto, são estas paragens baldas do amanhã fertilizante; abandonadas do braço escravo, que as vitalizava ao latego infamante, são habitadas por uma população miserável esparsa e triste.

Grandes latifúndios abandonados oferecem à cobiça dos "fazedores de desertos" essências preciosas. Seus proprietários vivem nas capitais e seus "agregados" arrastam uma vida embrionária primitiva. O trabalhador, pela força mesma das coisas é aí organicamente miserável. Como em toda a parte, ao jugo do regime atual de prepotência, não possui a terra, e com dificuldades, por misericórdia, a cultiva para iludir a fome.

Habitam choças imundas e lobregas. São trapos humanos.

Mas ao influxo das idéias novas, párias lamentáveis, haveis de ter o prêmio de vosso esforço. Sereis arrancados a essa posição secular de miséria, ignorância e ignomínia, a essa atitude de degradação, a essa situação de servilismo. A vós pertencerão as messes loiras e tremulantes. Sereis reintegrados em vossas funções, tornar-vos-eis vidas criadoras, coeficientes primaciais da prosperidade comum. Haveis de liberar em toda a sua plenitude a delícia de viver em meio de paisagens luminosas e cantantes. Haveis de ter o sentimento das águas vivas e da árvore bendita a que o oferecereis as oblatas de vossa inteligência e de vosso coração. Haveis de vos impregnar desse espírito de vida que remove montanhas, desse poder de renovação necessário ao advento dum estado de coisas vasado em moldes mais humanos, em normas luminosas. Sereis os botarões de uma era refulgente de ressurreição.

Ao retorno vieram-me à retentiva as palavras de Stuart Mill: "Nenhum homem faz a terra. Ela é herança primiva da espécie humana inteira. Sua apropriação é uma questão de utilidade geral. Se a propriedade da terra não é útil, ela é injusta".

Em substância, o "occupying ownership" de Tucker...

"FREUD E A ANÁLISE DOS SONHOS"

É o título de novo curso que teve início a 5 de outubro, no Centro de Estudos Prof. José Oiticica, do Rio de Janeiro. As aulas estão a cargo do competente psicoterapeuta dr. Newton Ferreira Josetti, que está fazendo uma revisão da doutrina freudiana com relação ao problema da análise dos sonhos considerada como base para o conhecimento da personalidade humana e sua possibilidade evolutiva. As aulas estão sendo realizadas com numerosa e interessadíssima assistência, que tem lotado a sala do Centro, as inscrições ainda permanecem abertas, devendo os interessados inscrever-se às sextas-feiras, mediante a taxa de Cr\$ 1.500,00, às 20,00 horas, na sede do Centro de Estudos Prof. José Oiticica, à rua Almirante Barroso, 6, sala 1101, na Guanabara.

O LIBERTÁRIO

Diretor:

PEDRO CATALO

A publicação de "O Libertário" está confiada a uma comissão do jornal, sendo de sua incumbência os trabalhos de redação, administração e divulgação. Indica-se o nome do diretor por exigências de formalidades legais.

Toda correspondência (com valores, originais, indicações, etc.) deve ser endereçada EXCLUSIVAMENTE para a CAIXA POSTAL, 5739 — SÃO PAULO, em nome do diretor.

Redação e Administração: Rua Rubino de Oliveira N.º 85 São Paulo

Assinatura Anual, Cr\$ 200,00

O Anarquismo no Cinema

Entrevistado pelo Suplemento Literário do "Diário de Notícias", o cineasta brasileiro Gauber Rocha, diretor de "BARRAVENTO", premiado em Karlovy Vary, assim se manifestou sobre o cinema Europeu:

"Para mim, só existe um nome no cinema de hoje ao lado de Visconti: Luiz Buñuel. "NAZARIN", "VERIDIANA" e "ANGEL EXTERMINADOR" são os filmes mais importantes da história do cinema moderno. Os críticos comunistas discutem o tempo todo Resnais e Antonioni. Mas ambos, buscam problemas que Buñuel já resolveu há muito. "O ANJO EXTERMINADO" é uma obra acabada de expressão e fundamenta o pensamento de Buñuel. Em Buñuel está lançada a mais violenta crítica ao homem. Não sendo um

moralista e violentando a sociedade com um anarquismo cada vez mais forte, Buñuel não se perde na auto-mutilação de Antonioni e Resnais, ambos a caminho do abstracionismo. Os dois planos finais de "O ANJO EXTERMINADOR" define o pensamento de hoje de de Luiz Buñuel: em uma cena o povo luta na rua com a polícia, na cena seguinte um bando de carneiros segue para uma igreja ao som dos sinos. Assim termina o filme.

Cinema é fundamentalmente pensamento. Se o autor é um decadente burguês dilettante faz como Alain Resnais. Se é um desesperado e cético faz como Antonioni. Se é um anarquista viril e um "esquerda eterna" faz como Buñuel".